

CONSIDERAÇÕES ANATÔMICAS SÔBRE A CONFORMAÇÃO INTERNA DA RAIZ MÉSIO-VESTIBULAR DO PRIMEIRO MOLAR SUPERIOR PERMANENTE

NOTA PRÉVIA

*Plinio Dornelles Macedo **

INTRODUÇÃO

A maioria dos autores que estudam anatomia dentária citam o fato de que a raiz méso-vestibular do 1º molar superior possui dois canais, um vestibular e outro lingual.

A maioria dos textos consultados limita-se a dar a percentagem de incidência do canal lingual, sem, contudo, preocupar-se com as suas relações, quer com a raiz méso-vestibular, quer com o sempre existente canal méso-vestibular.

Pelo que nos foi dado constatar, do exame da literatura que consultamos, apenas Pucci-Reig, endodontistas, procuraram verificar o comportamento do canal méso-lingual. Aceitaram Pucci-Reig, como fato pacífico, a existência do canal lingual, atribuindo a presença do mesmo à normal dentinização do interior da cavidade canalicular da raiz méso-vestibular. Disseram Pucci-Reig que num dente recém erupcionado existiria inicialmente, um único e amplo canal. Posteriormente, como consequência da dentinização, o conduto, primitivamente único, dividia-se em dois, sendo um lingual e outro vestibular. A normal progressão da dentinização geraria, para estes autores, a calcificação completa do canal lingual, restando apenas, o canal méso-vestibular primitivo, bem mais reduzido em suas dimensões.

* Instrutor de Ensino da cadeira de Anatomia, da Escola de Odontologia de Pôrto Alegre.

Nosso trabalho tem como objetivo estudar a incidência do canal méso-lingual, da raiz méso-vestibular do 1º molar superior permanente, e o seu comportamento no que diz respeito à raiz e ao canal méso-vestibular.

MATERIAL E MÉTODOS

Estudamos, nessa nossa investigação, 75 (setenta e cinco) dentes molares superiores direitos e esquerdos de pessoas de ambos os sexos. A maioria das peças estudadas apresentava a coroa alterada por cárie, mas este fato não prejudicou em nada o emprego deste material, porquanto visamos, somente, o estudo da raiz méso-vestibular.

Do material estudado, 43 dentes diafanizados pelo processo (Okumura-Aprile), nos foram gentilmente emprestados pela cadeira de Patologia Dentária da Escola de Odontologia de Porto Alegre.

Nos restantes 32 procedemos ao estudo radiológico de acordo com a seguinte técnica: após seccionar a raiz méso-vestibular na altura do bulbo radicular, em relação ao início do terço cervical, operou-se, inicialmente, o esvaziamento dos condutos com auxílio de instrumentos apropriados. A seguir, introduzimos, para fins de contraste, uma pasta radiopaca (septocanal), bem fluída, no interior dos canais.

As raízes assim preparadas, foram colocadas sobre a película com a face mesial voltada para o foco. A radiografia foi tomada no regime normal para dentes.

OBSERVAÇÕES

Pelo estudo do material radiológico e o exame das peças diafanizadas constatamos que sempre existem dois canais na raiz mesial, com o mais variado comportamento. Este fato levou-nos a agrupá-las em classes:

Classe A — dos que apresentam dois canais com trajetórias independentes e paralelas, terminando, cada um, por um forame apical próprio.

Classe B — das que possuem dois canais com trajetórias in-

dependentes até o terço apical, fusionando-se aí para terminar por um único foramen apical .

Classe C — das que apresentam dois condutos independentes no terço cervical, com calcificação do conduto palatino a partir dêste ponto, e com trajetória nítida e completa do canal vestibular, terminando êste, por um foramen apical.

Classe D — dos que tem dois canais independentes bastante estreitados no terço cervical e, a partir dêste ponto, com calcificações em alturas variadas, sem terminação apical.

Pelo método de diafanização, constatamos que, dos 43 dentes, 17 corresponderam à classe A (40%); 13 dentes, à classe B (30%); à classe C, 10 dentes (23%) e, finalmente, à classe D, 3 dentes (7%), (Quadro n. 1).

Pelo estudo radiológico ,observamos 32 raízes médio-vestibulares, que agrupamos da seguinte maneira: classe A — 5 raízes (15,5%); classe B — 8 raízes (25%); classe C — 13 raízes (40,5%); classe D — 6 raízes (19%) — Quadro n. 2.

Pelo estudo do quadro n. 1, somando as classes B, C, D, temos uma nova classe Y com 26 dentes, cujos canais se fusionam terminando por um único foramen apical, ou, ambos independentes, se calcificam sem terminação apical ou, ainda, o lingual se calcifica, permanecendo o vestibular com terminação apical. Nesta classe agrupamos 60% dos dentes diafanizados.

A classe A com 17 dentes (40%) apresenta 2 canais completamente independentes e com terminações apicais próprias (classe X).

No quadro n. 2, a classe Y, a qual corresponde a Y do quadro n. 1, apresenta 27 raízes (84,5%). A classe X, com 5 raízes, num total de 32, corresponde à minoria (5,5%).

Calculamos os X do método de diafanização e o X do método radiológico pela forma proposta por Günther

$$D = \frac{P^1 - P^2}{\sqrt{p \cdot q \left(\frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2} \right)}}$$

onde P 1 e P 2 é igual % de cada série de observações, p é igual % total dos dois grupos, que é igual (100 -p) e, n1 e n2 é igual ao número de cada série. Como, a diferença entre X do

método 1 e X do método 2 achamos o valor $D=2,3$ o que não é considerado uma diferença altamente significativa, não podemos concluir nas condições de nossa experiência, que a diferença de métodos possa apresentar avlores discordantes.

Por tal motivo agrupamos o número de dentes estudados nos dois métodos, em um único grupo (quadro n. 3).

Para classe A, 22 dentes (29,5%); à classe B, 21 dentes (28%); à classe C, 23 dentes (30,5%); à classe D, 9 dentes (12%).

CONCLUSÕES

Pelo estudo das peças dentárias e pela comparação dos quadros ns. 1, 2, 3, chegamos as seguintes conclusões:

1 — No terço cervical da raiz méso-vestibular existem sempre 2 canais que se situam em vestibular e lingual.

2 — Existem 2 canais independentes e com trajetórias paralelas, terminando ambos por forâmens próprios em 29,5%; o vestibular é sempre o mais amplo.

3 — Os dois canais se fusionam à partir do terço servical, terminando por um único foramen apical em 28%.

4 — Existe calcificação do canal lingual a partir do terço servical e permanência total do canal vestibular em 30,5%.

5 — Verifica-se a calcificação de ambos canais em 12%.

6 — Encontramos um único foramen apical em 58,5%.

7 — Em 12% ausência de terminação apical.

8 — A porcentagem maior da classe A pelo método de diafanização não chega ser significativa.

9 — Esta diferença, entretanto, nos leva a pensar na maior acuidade do método de diafanização para fins anatômicos.

10 — O radiológico pensamos ter maior significação clínica.

QUADRO Nº 1

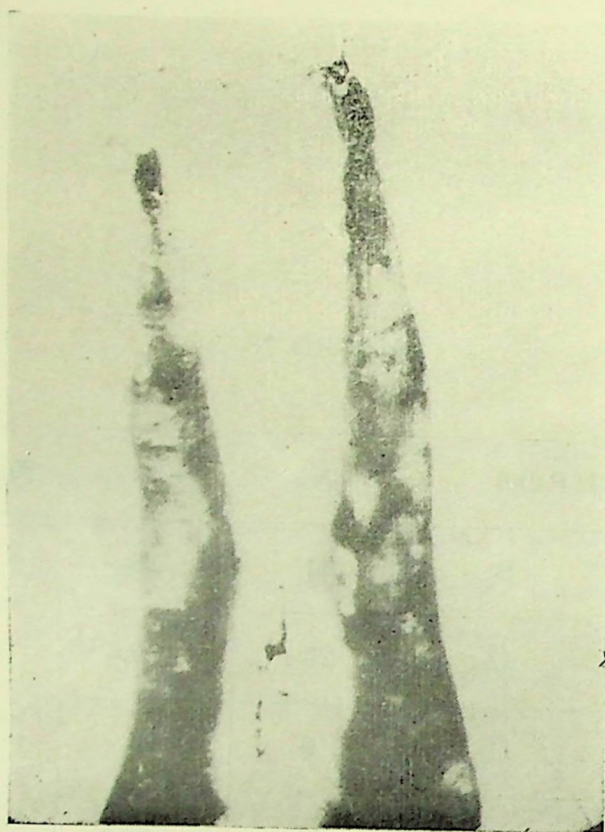
GRUPOS		Nº	%	% Totais
y	B	13	30	
	C	10	23	60
	D	3	7	
x	A	17	40	40
	Totais	43	100	100

QUADRO Nº 2

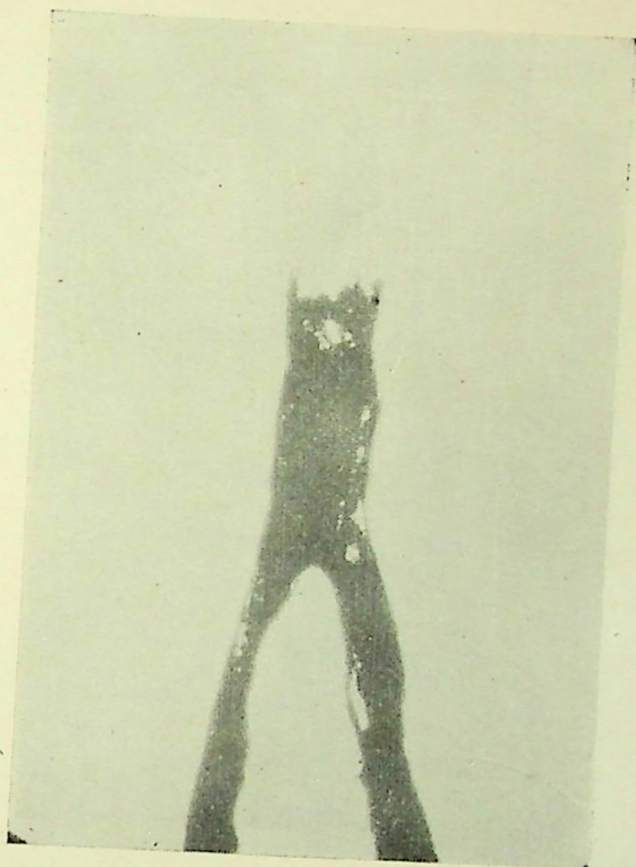
GRUPOS		Nº	%	% Totais
y	B	8	25	84,5
	C	13	40,5	
	D	6	19	
x	A	5	15,5	15,5
	Totais	32	100	100

QUADRO Nº 3

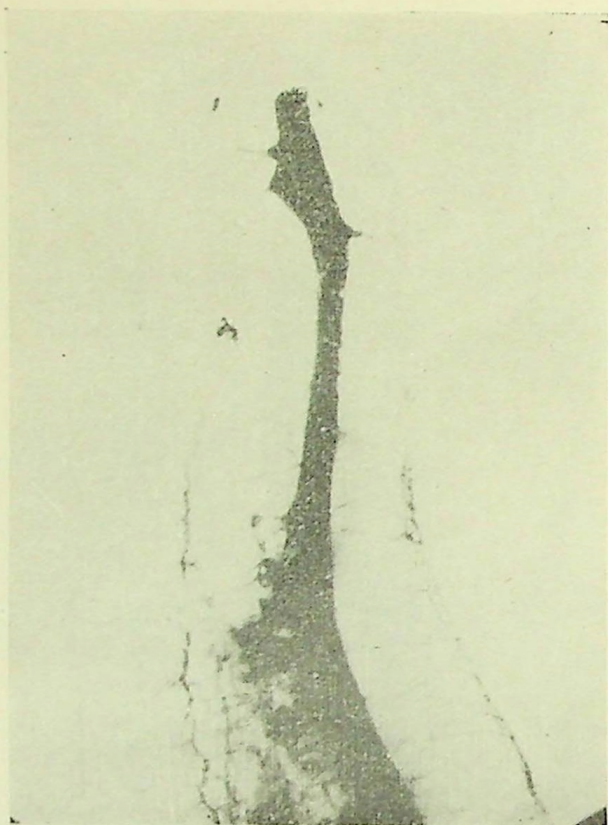
GRUPOS		Nº	%	% Totais
y	B	21	28	70,5
	C	23	30,5	
	D	9	12	
x	A	22	29,5	29,5
	Totais	75	100	100



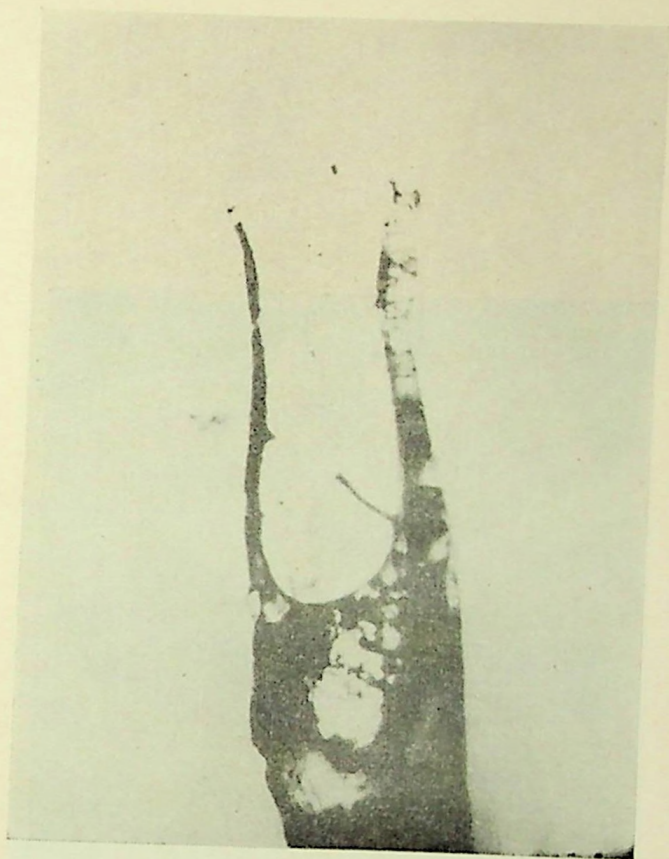
CLASSE A



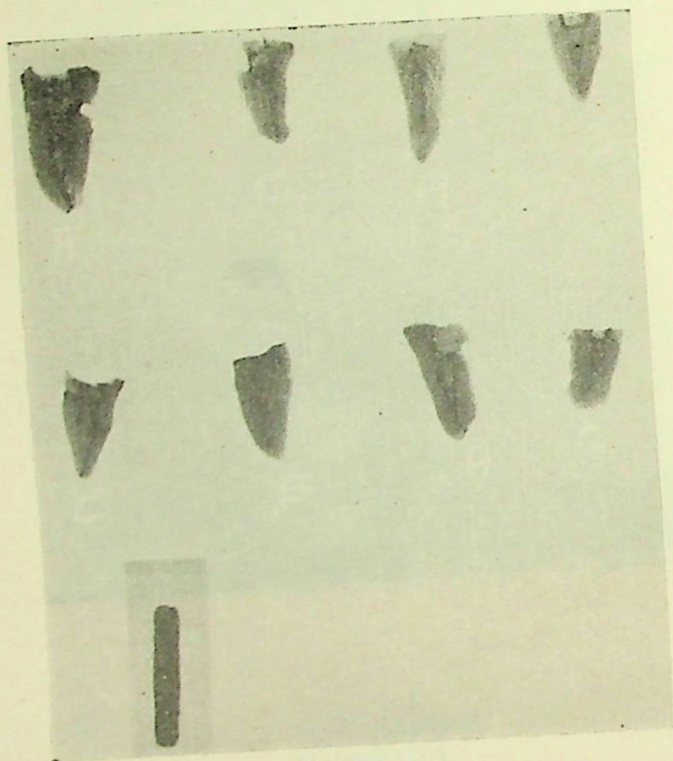
CLASSE B

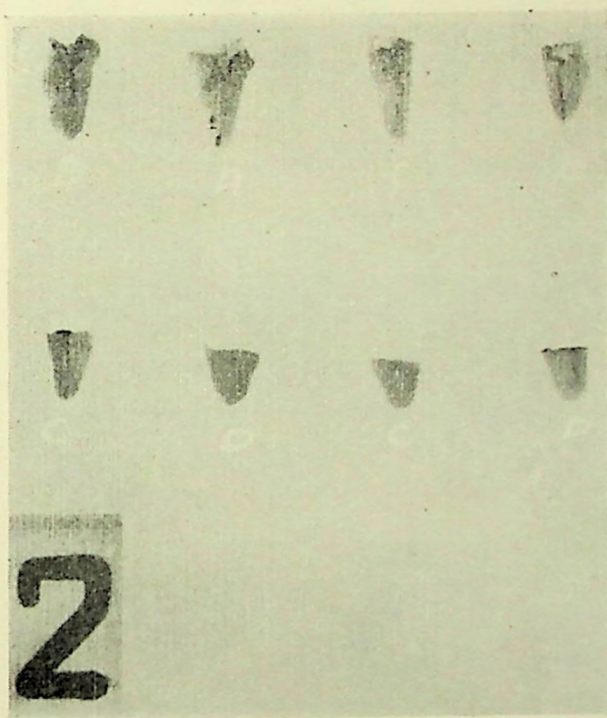


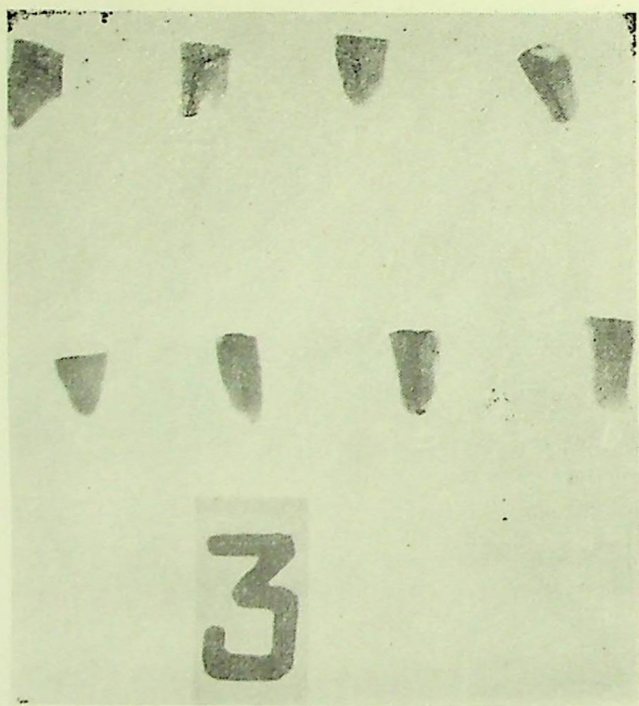
CLASSE C

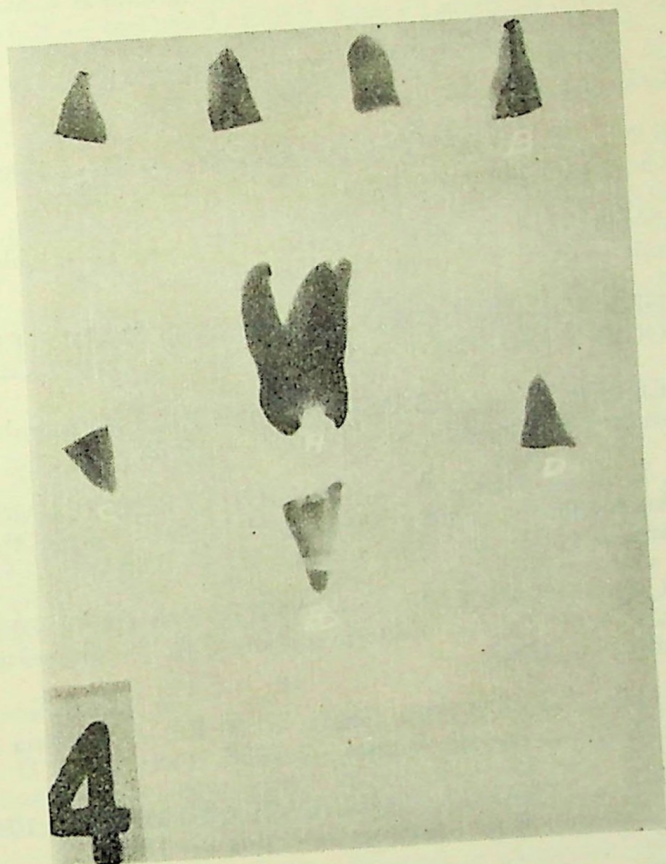


CLASSE D









BIBLIOGRAFIA

- APRILE, H. — FIGUN, M. — ANATOMIA ODONTOLOGICA
2ª Edição — Ed. EL ATENEO — Buenos Aires.
- COELHO e SOUZA, PROF. — ANATOMIA DENTÁRIA, HISTOLOGIA, FISILOGIA — 8ª Ed. refundida e aumentada pelo Prof. Fróes da Fonseca. Editora Científica — Rio — 1950
- DELLA SERRA, O. — ANATOMIA DENTAL — 1ª Ed. — Gráfica Canton Ltda. São Paulo — 1955.
- DIAMOND, M. — DENTAL ANATOMY — Third Editiom — The Cacmillan Company — N. Y. — 1952.
- GROSSMAN, L. I. — ROOT CANAL THERAPY — Third. Editions — Lea & Febiger — Filadelfia — 1950.
- GÜNTHER, B. — CALCULO DE PROBABILIDADES EN BIOLOGIA Y MEDICINA — Cienc. e Investig., 1-407- — 1945.
- MARSEILLER, E. — LES DENTS HUMAINES — morphologie. Gouthier-Villars, Éditeur — Paris — 1952.
- PUCCI, F. M. — REIG, R. — CONDUTOS RADICULARES — (Anatomia, Patologia y Terapia) Volume I - Editora Casa A. Rarreiro y Ramos S.A. - Montivideo — 1944.
- SICHER, H. — TANDLER, J. — ANATOMIA PARA DENTISTAS — 2ª Ed. — Editoria Labor, S.A. — Barcelona — Madrid — 1942.
- SICHER, H. — ANATOMIA ORAL — 2ª Ed. — Livraria Atheneu, S.A. — Rio de Janeiro — 1955.
- TESTUT, L. — TRAITE' D'ANATOMIE HUMAINE — 17ª Édition - Gaston Doin - Éditeur — Paris — 1922.
- ZEISZ, R. — NUCKOLLS, J. — DENTAL ANATOMY — The C. V. Mossby Company — St. Louis — USA — 1949.